

Merano, provavelmente Março de 1920

Cara senhora Milena, está às voltas com a tradução, submersa no sombrio mundo vienense.² Sinto-me um tanto comovido e envergonhado. Já deve ter recebido uma carta de Wolff³, pelo menos ele escreveu-me há já bastante tempo a dizer que lha tinha mandado. Não escrevi uma novela “Assassinos”, que parece que foi anunciada num catálogo, é um mal-entendido; mas como, pelos vistos, é a melhor, pode ser que seja verdade afinal.

A acreditar na última e na penúltima das suas cartas, parece que as inquietações e os cuidados finalmente a deixaram por completo em paz, isso certamente se refere também ao seu marido⁴, desejo muito a ambos que seja assim. Recordo-me de uma tarde de domingo há anos, eu caminhava furtivamente pelo Franzensquai cosido às paredes e deparei com o seu marido, que vinha na minha direcção de um modo que também não era muito mais imponente, dois especialistas de dores de cabeça, embora cada qual à sua maneira bem diferente. Já não me lembro se prosseguimos caminho juntos ou se nos cruzámos simplesmente, a diferença entre estas duas possibilidades não era de certeza muito grande. Mas isso é passado, e que seja um passado bem enterado. É bonita a casa onde mora?

Saudações cordiais
do seu
Kafka

Merano, 12 de Abril de 1920, segunda-feira
Merano-Untermals, Pensão Ottoburg

Cara senhora Milena:

A chuva, que durou dois dias e uma noite, parou agora mesmo, por pouco tempo, provavelmente, mas, seja como for, um acontecimento que merece ser festejado e é o que estou a fazer ao escrever-lhe. Aliás, mesmo a chuva era suportável, afinal aqui está-se no estrangeiro, só em pequena escala, é certo, mas faz bem ao coração. Também a senhora, se a minha impressão estava correcta (a lembrança não consegue manifestamente esgotar um breve momento isolado de encontro), gostou de estar no estrangeiro em Viena, mais tarde talvez ele se tenha tornado sombrio devido à situação geral, mas também gosta do que é estrangeiro enquanto tal? (O que, aliás, talvez seja mau sinal e não deve acontecer.)

A minha vida aqui é muito boa, o corpo mortal dificilmente conseguiria aguentar mais cuidados, a varanda do meu quarto pende sobre um jardim cercado submergido em arbustos floridos (a vegetação aqui é estranha, com um tempo que, em Praga, faria quase gelar as poças de água, as flores abrem-se devagar frente à minha varanda), mas totalmente exposto ao sol (ou, aliás, ao céu profundamente nublado, como já há quase uma semana), recebo a visita de lagartixas e pássaros, casais desiguais: gostava tanto que pudesse usufruir de Merano, ultimamente aludiu a um não-conseguir-respirar, a imagem e o sentido estão muito próximos nestas palavras e talvez ambos aqui se aligeirassem um pouco.

Com saudações muito cordiais
Seu
F Kafka

Merano, provavelmente finais de Abril de 1920
Merano-Untermals, Pensão Ottoburg

Cara senhora Milena:

Escrevi-lhe um bilhete de Praga e depois de Merano. Não recebi resposta. É verdade que os bilhetes não necessitavam de uma resposta

especialmente urgente e se o seu silêncio não é senão sinal de que se encontra mais ou menos bem, o que, como sabemos, muitas vezes se manifesta numa aversão à escrita, estou perfeitamente satisfeito. Mas também é possível — e é por isso que escrevo — que a tenha magoado de alguma maneira nos meus bilhetes (que mão pesada teria eu muito contra a minha vontade, se fosse isso que aconteceu) ou, o que seria ainda muito pior, que o momento de alívio tranquilo a que se referiu tenha já passado e tenha começado outra vez um período mau para si. Quanto à primeira possibilidade, não sei que dizer, de tão distante de mim que isso está e tudo o resto tão próximo, quanto à segunda possibilidade, não vou dar conselhos — como poderia dá-los? — limito-me a perguntar: porque é que não sai algum tempo de Viena? Afinal, não é apátrida, como outras pessoas. Uma estada na Boémia não lhe daria novas forças? E se, por quaisquer motivos que desconheço, se calhar não quer ir para a Boémia, então vá para outro lado, talvez mesmo Merano servisse. Conhece Merano?

Espero, pois, duas coisas. Ou a continuação do silêncio, que significa: “Não se preocupe, estou perfeitamente bem.” Ou algumas linhas.

As saudações mais cordiais
Kafka

Vem-me à ideia que não consigo verdadeiramente recordar-me de nenhum pormenor específico do seu rosto. Só a maneira como depois se foi embora por entre as mesas do café, a sua figura, o seu vestido, isso tenho ainda à frente dos olhos.

Merano, ca. 5 de Maio de 1920, quarta-feira

Então é o pulmão. Andei o dia todo com isso às voltas na cabeça, não estava capaz de pensar em mais nada. Não é que tivesse ficado especialmente assustado com a doença, é possível e expectável — as suas indicações parecem apontar nesse sentido — que ela se manifeste em si de forma moderada e mesmo a verdadeira doença dos pulmões (metade da Europa tem pulmões mais ou menos defeituosos), que eu conheço há três anos por experiência própria, trouxe-me mais coisas boas do que más. No meu caso, tudo começou há cerca de três

anos a meio da noite com uma hemoptise.⁵ Levantei-me da cama, excitado, como se fica com tudo o que é novo (em vez de ficar deitado, como soube mais tarde que é a norma), claro que também um pouco assustado, dirigi-me à janela, debrucei-me nela, fui ao lavatório, andei às voltas pelo quarto, sentei-me na cama — o sangue não parava. Apesar disso, não me sentia nada infeliz, porque percebi pouco a pouco por uma determinada razão que, depois de três, quatro anos quase sem dormir, desde que a hemorragia parasse, ia dormir pela primeira vez. Acabou mesmo por parar (desde essa altura também não voltou) e dormi o resto da noite. De manhã, veio a empregada (na época, morava no Palácio Schönborn), uma rapariga boa, quase devotada, mas extremamente terra-a-terra, viu o sangue e disse: “Pane doktore, s Vámi to dlouho nepotrývá.”⁶ Mas eu sentia-me melhor do que de costume, fui para a repartição e só à tarde é que fui ao médico. O que aconteceu a seguir não importa para aqui. Só queria dizer o seguinte: não foi a sua doença que me assustou (tanto mais que estou constantemente a interromper-me a mim próprio, ando às voltas com a memória, reconheço por entre a sua fragilidade uma quase frescura camponesa e chego à conclusão: não, não está doente, é um aviso, mas não é uma doença dos pulmões), não foi isso, portanto, que me assustou, o que me assustou foi pensar no que de certeza antecedeu esse incidente. Estou, para já, a deixar de lado as outras coisas de que fala na sua carta: nem um tostão — chá e maçãs — todos os dias das 2 às 8 — são coisas que não consigo compreender, manifestamente, são mesmo só para se explicar de viva voz. Não vou, portanto, estar aqui com isso (só na carta, claro, porque não são coisas que se esqueçam) e só penso na explicação que arranjei na altura para a doença no meu caso e se aplica a muitos casos. O que aconteceu foi que o cérebro já não conseguia suportar as preocupações e dores que lhe impunham. Disse: “Desisto; mas se há alguém aqui que se preocupe um pouco com a conservação do conjunto, então que fique com alguma da minha carga e isto vai aguentar-se mais um bocadinho.” Foi então que os pulmões se ofereceram, assim como assim, não tinham muito a perder. Estas negociações entre o cérebro e os pulmões, que ocorreram sem meu conhecimento, foram seguramente terríveis.

E o que é que vai fazer agora? Provavelmente, é mesmo uma insignificância, se tomarem um pouco conta de si. Mas que é preciso tomar um pouco conta de si, qualquer pessoa que a estime de certeza que percebe, tudo o resto tem mesmo de passar para segundo plano. Então também aqui há salvação? Já disse que sim — não, não estou com

vontade de brincar, também não estou mesmo nada a divertir-me, e não vou estar enquanto não me escrever a dizer como é que está a organizar o seu modo de vida de uma forma diferente e mais saudável. Depois da sua última carta, já não vou perguntar porque é que não sai algum tempo de Viena, agora entendo isso, mas o que é certo é que também muito próximo de Viena há sítios bonitos para ficar e muitas possibilidades para cuidar de si. Hoje não falo de mais nada, não há nada mais importante para dizer. Tudo o resto fica para amanhã, também os agradecimentos pelo número da revista, que me comove e envergonha, me entristece e me alegra.⁷ Não, ainda mais uma coisa hoje: se usar nem que seja um só minuto do seu sono para trabalhar em traduções, é como se estivesse a amaldiçoar-me. Pois se um dia as coisas chegarem a tribunal, ninguém vai pôr-se com mais investigações, vai, sim, constatar simplesmente: ele roubou-lhe o sono. E eis-me condenado, e com razão. Quer dizer que, ao pedir-lhe que não volte a fazer isso, é por mim próprio que estou a lutar.

Seu Franz K.

Merano, ca. 6 de Maio de 1920, quinta-feira

Cara senhora Milena, hoje quero escrever sobre outras coisas, mas é impossível. Não é que eu leve a questão verdadeiramente a sério; se levasse, não escrevia assim, mas aqui e ali devia haver uma cadeira de repouso pronta para si algures no jardim à meia-sombra e uns dez copos de leite ao alcance da sua mão. Também podia ser em Viena, ainda para mais agora no Verão, mas sem fome e sem inquietações. Isso não é possível? E não há ninguém que o torne possível? E o que é que diz o médico?

Quando tirei o número da revista do grande envelope, quase me senti desiludido. Queria ouvi-la a si e não à voz demasiado bem conhecida vinda do velho túmulo. Porque é que ela se intrometeu entre nós? Até que me ocorreu que ela também tinha mediado entre nós. Mas, tirando isso, não consigo perceber como é que foi arcar com uma trabalhadeira destas e, o que é profundamente comovente, com que fidelidade o fez, pensando cada frasezinha, uma fidelidade que eu não supu-